

Pico

Barcos virão e novas trarão!
Paisagem e marcas do tempo da Rota da Índia



Explore o mesmo tema noutras ilhas dos Açores

ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



6 ilhas têm disponível um roteiro sobre este tema, conheça a nossa história.



Explore PICO AÇORES



“Há por toda esta ilha em redondo muita e grossa madeira de cedro, sanguinho, ginja, pau branco, faias, louro e, sobre toda, a madeira de teixo [...] [...] da chamada ponta do Mouro ou de André Roiz, se carrega grande quantidade de madeira de toda a sorte, pera todas as outras ilhas em caravelas e barcos grandes [...].”

Gaspar Frutuoso (1586-1590).
Saudades da Terra, Livro VI



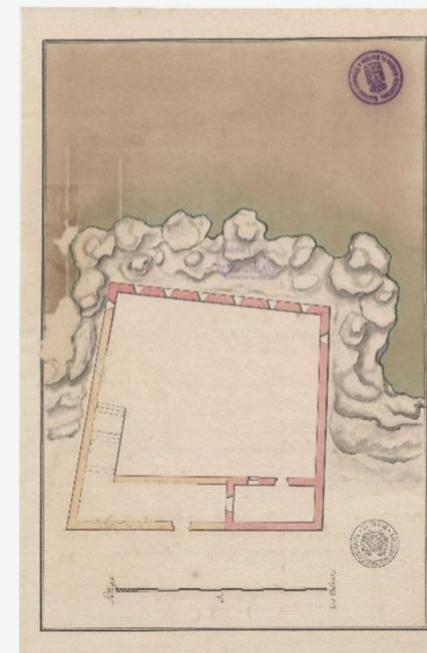
Fortes do Pico

A proteção das três principais povoações do Pico esteve garantida por redutos e vigias cuja fraca qualidade arquitetónica foi condicionando o seu abandono. Como em muitos outros locais, algumas das estruturas sobreviventes foram sendo requalificadas e convertidas em locais de apreciação da paisagem, mas de alguns que desapareceram completamente apenas permanece a sua memória conservada na toponímia dos lugares.

Características do território ou a invocação das igrejas que lhe ficavam próximas eram, geralmente, adotadas como designação dos fortes ou vigias e por isso algumas das localizações indicadas são sugestões baseadas nessas evidências que se podem constituir como desafios de descoberta para o viajante.

1. Forte da Prainha, Baía de Canas
2. Redutos na Areia Funda
3. Reduto na Areia Larga
4. Vigia de Santa Catarina, depois transformada no forte de Santa Catarina ou de Santo António, Lajes
5. Vigia do Calhau

Fortes com localização desconhecida:
Vigia da Barra
Vigia da Lagoa



Francisco Xavier Machado.
“Forte no Porto da vila das Lajes” ca.1769

Influências na culinária do Pico

Na gastronomia açoriana é frequente o uso de especiarias, prática que suplanta a utilização do tempero com ervas como é frequente na culinária continental. É hábito que remonta à época em que abundavam nos portos das ilhas e cuja utilização cada localidade foi adequando ao seu gosto.

Originalmente feito com sangue e miudezas de borrego, cabrito, cordeiro ou porco, o sarapatel parece ter tido uma origem judaica e, depois de levado para o oriente pelos portugueses de quinhentos onde incorporou especiarias (pimenta, cravinho e colorau), regressou nas naus da Índia com esses novos paladares. No Pico, embora agora só, quase, uma memória, também se fazia sarapatel. Adequando-se aos produtos locais, o sarapatel de lapas, condimentado com especiarias, era uma especialidade apreciada até algumas décadas atrás.



Percursos temáticos

De entre as inúmeras possibilidades de percursos de exploração da ilha, propomos-lhe três roteiros temáticos: num encontrará, sobretudo, locais cujas histórias se cruzaram com piratas e corsários e onde, por essa razão, foi necessário instalar meios de vigilância e defesa; noutro, será levado a apreciar aspetos relacionados com marcas que as riquezas vindas do Oriente entre os séculos XVI e XVII deixaram no Pico; por último, convidamo-lo a conhecer aspetos do património imaterial através de memórias das especiarias presentes na gastronomia local.

HISTÓRIAS COM PIRATAS

1-2-3-4-5-7-10-12-14

À VOLTA DA PRATA
9-11

COM SABOR A ESPECIARIAS

6-8-13



Barcos virão e novas trarão! Paisagem e marcas do tempo da Rota da Índia

Nos séculos XVI e XVII o Pico era um fraco alvo para o corso que se deslocava aos Açores na mira do comércio marítimo transatlântico porque não foi um ponto na escala de apoio à Rota da Índia. O tardio levantamento de fortificações, inicialmente simples vigias fortificadas, resulta dessa circunstância, mas ainda assim no Regimento das Vigias (1570) da vila das Lajes descrevem-se os gritos de alarme que se deveriam usar: “Mouros na costa!”, “Mouros em terra!” e “Moradores às armas!”.

Será nos ancoradouros da localidade da Madalena (pontos de vigilância das embarcações que, circulando no canal entre o Pico e o Faial, se aproximavam da opulenta vila da Horta), e na costa sul (mais plana e cheia de baías vulneráveis a desembarques) que se instalaram as principais vigias e fortificações. Todavia, em meados do século XIX já todas se achavam abandonadas ou quase destruídas.

O contributo do Pico para a manutenção das rotas comerciais atlânticas nesse período resulta de ser um apoio de segunda linha que abastecia as ilhas centrais de bens essenciais à exportação e ao abastecimento das armadas.

Para o embarque de madeira, de lenhas e de vinho cada localidade foi construindo diversos cais e embarcadouros, empreendimentos favorecidos pela existência de uma costa baixa e recortada na vertente sul da ilha onde também se implantou a principal localidade da ilha – as Lajes.

Menos incomodada por ataques corsários do que as outras ilhas, e nunca saqueada ou destruída, na ilha do Pico podem apreciar-se interessantes exemplos de urbanismo e património construído que são bem o testemunho da época em que as embarcações da Carreira da Índia demandava os Açores em busca de proteção.

Durante o seu passeio pelo Pico propomos-lhe, por isso, que siga marcas que os, poucos, confrontos e ataques deixaram na paisagem, os pontos de defesa construídos no âmbito de uma visão defensiva estratégica, e as memórias que a passagem das especiarias e da prata nos séculos XVI e XVII inscreveram na comunidade.

Bom passeio!



Capital do Turismo Rural
São Roque do Pico

1. Cais da Graciosa. Areia Funda, Madalena

O Forte da Madalena, construção de meados do século XVIII, implantou-se onde antes já havia existido pequenos redutos defensivos e a sua posição era importante porque dominava o trecho de costa frente à Horta, com cujas fortificações cruzava fogo. Hoje, dessas construções já nada resta, mas deveriam localizar-se perto deste pequeno molhe de proteção na zona da Areia Funda e que se chama Cais da Graciosa.



2. Relheiras, Lajido

Os caminhos antigos, geralmente com pavimento em pedra ou rocha natural, ligavam os povoados entre si, mas, mais importante, estabeleciam a ligação das zonas produtivas das vinhas ou de outras áreas de cultivo e recolha de lenhas, com os inúmeros embarcadouros ou pequenos cais que a costa baixa da ilha proporciona e de onde a carga era carregada para as embarcações como é o caso na localidade de Santo António. Testemunhos dessa intensa atividade são os sulcos deixados no terreno pelas rodas dos carros de bois, as relheiras.



3. Marginal do Cais do Pico

As habitações, quer as que testemunham um caráter mais popular, quer as que apresentam uma feição mais elaborada, têm em comum características próprias do contexto agrícola, como a de possuírem lojas térreas e surgirem muitas vezes acompanhadas de edificações de apoio à agricultura. A frente virada ao cais de São Roque, "construído a pique", apresenta habitações com essas características de rusticidade e arcaísmo, embora pertencente a proprietários mais abastados.



4. Forte da Prainha. Baía de Canas, Prainha

Contornada a ilha pelo lado Norte, a costa mostra-se mais íngreme e menos propícia a desembarques e, portanto, sem grande necessidade de proteção, mas ainda assim o Forte da Prainha dominava a baía das Canas e o seu pequeno ancoradouro. Dele, hoje, já nada resta.



5. Lagoa do Cavaleiro. Estrada Nacional 3

A Lagoa do Cavaleiro é uma das várias lagoas do Pico que está localizada nas proximidades da Lagoa do Capitão e a sua designação é, também, curiosa porque remete para um tempo longínquo em que os cavaleiros eram personagens fundamentais para a defesa das localidades.



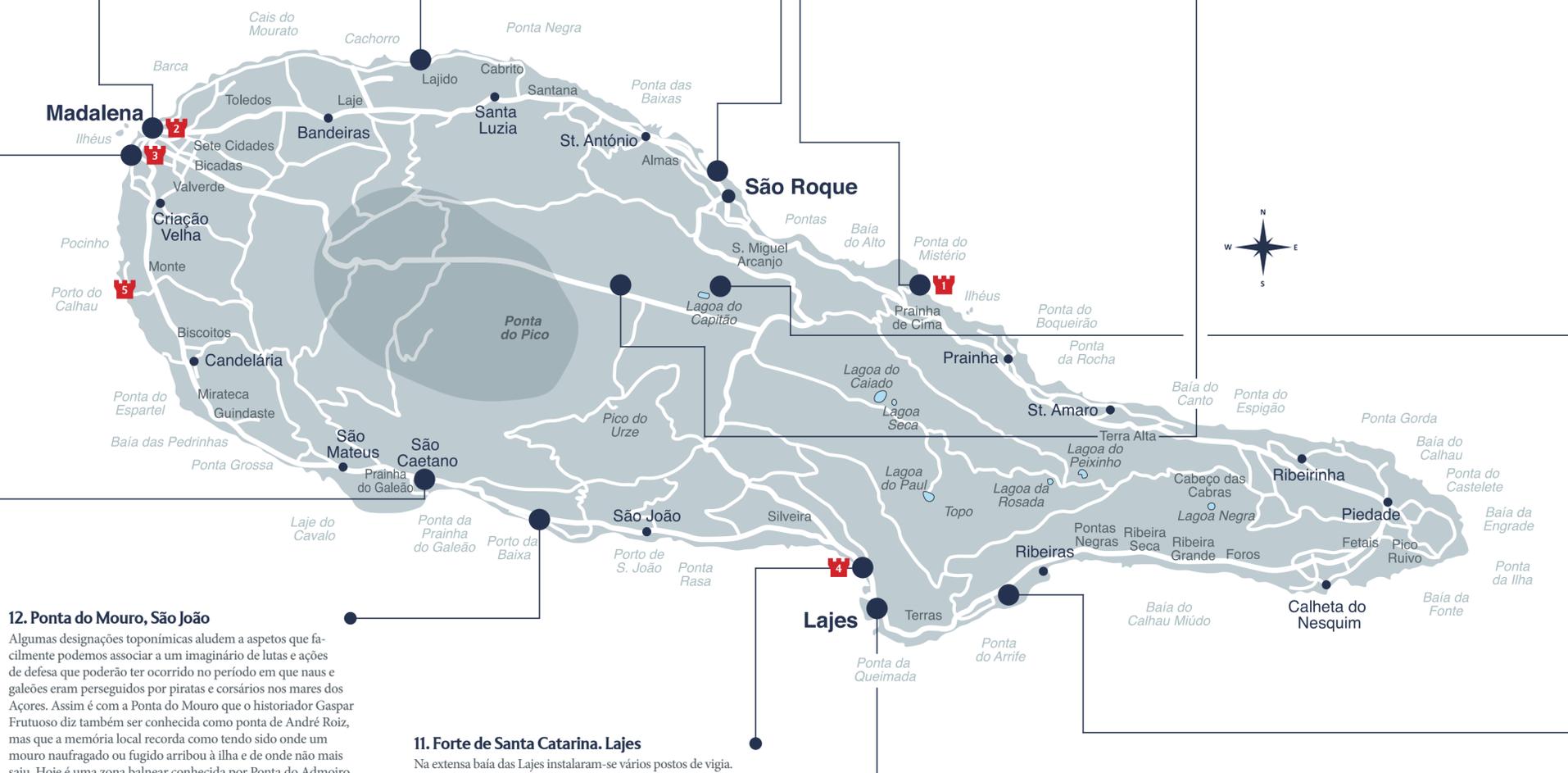
6. Lagoa do Capitão. Estrada Nacional 3

A pequena Lagoa do Capitão, no sopé oriental do cone do Pico é, provavelmente, aquela que o historiador Gaspar Frutuoso, no século XVI, chamou de lagoa de Rodrigalves. A designação remete para o nome do proprietário das terras, personagem importante na exploração do local, mas que também lembra a sua função organizadora do território e, certamente, da sua defesa.



14. Cais da Areia Larga, Madalena

O cais da Areia Larga era uma alternativa portuária ao cais da Madalena especialmente utilizado por embarcações locais. O Forte da Madalena e os anteriores pequenos redutos defensivos que o antecederam devem ter-se localizado nesta zona de costa baixa entre os dois portos.



13. Prainha do Galeão, São Caetano

Gaspar Frutuoso chamou a este local o Calhau do Galeão e explica que, no lugar, Garcia Gonçalves Madruga fez um grande galeão a que deu o nome de Trindade, e que o entregou ao rei D. João III em pagamento de certas dívidas. Ora os galeões foram navios de transporte muito usados na Rota da Índia e, por isso, bem armados com peças de artilharia e que, certamente, as gentes do Pico avistariam quando estes demandavam a baía de Angra e o seu porto seguro.



12. Ponta do Mouro, São João

Algumas designações toponímicas aludem a aspetos que facilmente podemos associar a um imaginário de lutas e ações de defesa que poderão ter ocorrido no período em que naus e galeões eram perseguidos por piratas e corsários nos mares dos Açores. Assim é com a Ponta do Mouro que o historiador Gaspar Frutuoso diz também ser conhecida como ponta de André Roiz, mas que a memória local recorda como tendo sido onde um mouro naufragado ou fugido arribou à ilha e de onde não mais saiu. Hoje é uma zona balnear conhecida por Ponta do Admoiro.



11. Forte de Santa Catarina. Lajes

Na extensa baía das Lajes instalaram-se vários postos de vigia. A transformação da vigia de Santa Catarina em fortificação data do século XVIII, quando se lhe acrescenta uma parede pelo lado da terra, plataformas, guaritas e instalações para os soldados e palamentas. A sua consolidação ocorre num contexto particular de insegurança causado pela Guerra da Sucessão de Espanha e a sua designação foi-se alternando entre "Forte de Santa Catarina" e de "Santo António". Em 1978 é classificado como Imóvel de Interesse Público, e em 2006 é recuperado pela Câmara Municipal das Lajes para albergar uma zona de lazer, jardim, miradouro e área para espetáculos.



10. Passo, Vila das Lajes

A Procissão dos Passos, tradição implantada em Portugal pelos Franciscanos ao longo do século XVI, é uma espécie de repetição do caminho de Jesus até ao Calvário passando por estações onde se contam episódios desse percurso. Próximo do Convento dos Franciscanos das Lajes, este "Passo", em conjunto com outros que ainda existem, fazia parte da Via Sacra da primeira vila picarota.



9. Vila das Lajes

A povoação das Lajes foi o núcleo urbano inicial, e principal, da ilha, formando o seu casarão um conjunto harmonioso desenvolvido numa "rua direita" que corre paralela ao mar - a Rua do Capitão-Mor Gonçalves Madruga - complementada com o edifício do convento franciscano fundado em meados do século XVII.



8. Ermida de São Pedro, Lajes

Iniciado o povoamento do Pico na espécie de fajã recortada e baixa da costa sul da ilha, que hoje é a vila das Lajes, a Ermida de São Pedro foi o primeiro templo aí construído (1460) e terá sido dedicada a este orago em homenagem ao seu primeiro pároco, Frei Pedro Gigante. A ermida encosta-se a outras casas cuja época de construção parece ser contemporânea, e vira-se ao mar, perscrutando-o e protegendo quem estava nas imediações.



7. Ermida de Nossa Senhora do Socorro, Ribeiras

A ermida de Nossa Senhora do Socorro, na freguesia das Ribeiras, é, de acordo com a tradição, a mais antiga da freguesia (1590) e terá sido uma das primeiras da ilha. Localizada na costa sul da ilha e em lugar altaneiro, dela se avista grande extensão de mar, e aos barcos que a avistavam certamente enviaria conforto espiritual aos mareantes que se vissem em aliação e procurassem alcançar porto seguro.

